

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC**

**CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**ANDERSON INNOCENTI COLOMBO**

**A INFLUÊNCIA DO CAPITALISMO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E  
PRÁTICAS DOCENTES**

**CRICIÚMA**

**2012**

**ANDERSON INNOCENTI COLOMBO**

**A INFLUÊNCIA DO CAPITALISMO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E  
PRÁTICAS DOCENTES**

Trabalho de Conclusão do Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciado no Curso de Educação Física da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

Orientador: Prof. Carlos Augusto Euzébio

**CRICIÚMA**

**2012**

**ANDERSON INNOCENTI COLOMBO**

**A INFLUÊNCIA DO CAPITALISMO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E  
PRÁTICAS DOCENTES**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciado, no Curso de Educação Física da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com linha de Pesquisa em Educação Física Escolar.

Criciúma, 30 de novembro de 2012.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Carlos Augusto Euzébio – Mestre (UNESC) - Orientador

Prof. Vânia Vitório – (UNESC)

Prof. Vidalcir Ortigara – Doutor (UNESC)

**Dedico este trabalho a todas as pessoas que sonham com uma sociedade sem classes, igualitária sem discriminação e desigualdade social, onde a Educação seja realmente o fator principal para transformação.**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus pais e familiares, a Unesc e aos professores que estiveram presentes nessa jornada, em especial ao meu orientador Prof. Carlos Augusto Euzébio (Kabuki) e aos membros da Banca Prof<sup>a</sup>. Vânia Vitorio e Prof<sup>o</sup>. Vidalcir Ortigara e incluo também a Prof. Anelise Arns, aos meus colegas e amigos de turma e de outras fases que já encerraram sua vida acadêmica e aqueles que ainda estão no processo de formação. Aos meus colegas de trabalho e aos meus amigos de uma forma geral. Faço também um agradecimento especial à todas as instituições de ensino que abriram as portas para a realização dos estágios, assim como os professores que auxiliaram nesse processo. Em especial ao Bairro da Juventude através de sua direção, coordenação dos setores e aos professores de Educação Física que se fazem presentes na instituição.

**“O homem é diretamente um ser natural. Como ser natural e como ser natural vivo é dotado, por um lado, de forças naturais, de forças vivas, é um ser natural ativo; estas forças existem nele como dotes e capacidades, como pulsões; por outro lado, como ser natural corpóreo, sensível, objetivo, é um ser que sofre, condicionado e limitado, tal como o animal e a planta, quer dizer, os objetos das suas pulsões existem fora dele, como objetos independentes e, no entanto, tais objetos são objetos das suas necessidades, objetos essenciais, indispensáveis ao exercício e à confirmação das forças do seu ser.”**

**Karl Marx**

## RESUMO

Este trabalho transcorrerá no possível entendimento da reflexão sobre a influência do capitalismo nas aulas de Educação Física e nas práticas docentes. Na efetivação deste trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica. Para isso foi necessário percorrer um caminho muito longo desde a época do feudalismo, como ele se desenvolvia, até o início da derrocada do sistema feudal com a expansão do mercado e crescimento da burguesia, a transição para um novo sistema onde a propriedade privada se instaurou fazendo da exploração da força de trabalho, sua principal característica e também a compreensão do fortalecimento capitalismo que se destaca pela luta de classe entre os burgueses e os proletários, é possível analisar esse sistema econômico dentro da sociedade pois ela está inserida mundialmente no sistema do capital e sofre influências diariamente seja por meio comercial, educacional atingindo a todos de forma direta, vimos a desigualdade em todas as áreas de atuação do ser humano, por fim a análise central desse trabalho refere-se a influências do sistema capitalista nas aulas de Educação Física, onde destacam-se a competição entre os alunos, as aulas esportivizadas, os jogos escolares, gincanas, escolha dos conteúdos, o planejamento dos professores, em todos esses aspectos a influência do capitalismo está presente e é necessário fazermos análises e discussões sobre este fato. A exacerbação do espírito esportivo e competitivo leva ao aluno ao individualismo fazendo com que ele faça essa reprodução em todas as suas atividades cotidianas, podemos também analisar o papel da mídia no processo educativo dos alunos, pois essa mídia influencia no modo de vestir de pensar, no modo de agir, no modo de falar, a comercialização de materiais esportivos é um exemplo muito claro de se compreender, queremos sempre a tal marca porque o jogador tal usa, queremos aquele modelo de tênis porque o tal atleta usa, essa força midiática consumista nos influencia diariamente sem que nos demos conta disso. Se quisermos uma sociedade diferente desta, precisamos pensar realmente em formar alunos mais críticos para que possam lutar mais tarde contra o sistema de classes e agir diretamente numa transformação da sociedade.

**Palavras-chave:** Capitalismo. Sociedade. Educação Física. Prática docente.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	8
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
2.1 O FEUDALISMO .....	10
2.2 DO FEUDALISMO AO CAPITALISMO .....	13
2.3 O CAPITALISMO. ....	16
2.4 A SOCIEDADE CAPITALISTA.....	20
<b>2.4.1 Luta de Classes.....</b>	<b>23</b>
2.5 CAPITALISMO E EDUCAÇÃO.....	25
2.6 CAPITALISMO NA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	30
<b>3 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>38</b>
REFERÊNCIAS.....	40



## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho procurou compreender as influências do capitalismo através da sociedade e como ele atua na escola em aulas de Educação Física, assim como analisar sua história e sua evolução desde sua concepção como organização política. Foi necessário pensar também na identificação das determinações de ordem sócio-metabólica do capital inserido na Educação em geral e nas aulas de Educação Física, pois são indispensáveis para o entendimento do que pretende o estudo desse tema.

Procuramos nos guiar pelo pensamento marxista afirmando que a marca da sociedade capitalista é a divisão social acentuada do trabalho e a apropriação dos resultados do trabalho pelo proprietário dos modos de produção.

O capitalismo é o sistema econômico que se caracteriza pela propriedade privada dos meios de produção, surge após a queda do feudalismo, em que este se mostrou enfraquecido por conta da escassez de produção e que tinha como característica o poder nas mãos dos senhores feudais e a economia baseada na agricultura e utilização do trabalho dos servos.

A pesquisa feita nesse estudo foi bibliográfica e buscará discutir o capitalismo e sua influência na educação e na educação física. Foi organizada uma fundamentação teórica em busca das possíveis respostas da pesquisa, ou seja, um estudo sobre o feudalismo, como se constituía, como era a vida social no período feudal. Foi realizada uma pesquisa da transição entre o feudalismo e o capitalismo, pois o último surgiu a partir das ruínas do primeiro. Destacamos o capitalismo, sua formação política, o significado de capital que é importantíssimo para a compreensão dessa forma de manifestação política, sua história, sua evolução. Foi feito um estudo sobre a sociedade capitalista para buscar compreender como se manifesta o capitalismo através das relações sociais.

Também foi objeto de interesse compreender o capitalismo como influência na Educação e no convívio escolar através da socialização entre os indivíduos. A pesquisa fez uma aproximação e uma tentativa de compreender a influência do capitalismo nas aulas de Educação Física. Estamos conscientes que o estudo é amplo e complexo para se conseguir um entendimento definitivo sobre o assunto e durante muito tempo talvez não consigamos entender o tema.

Esse projeto tem como **problema** identificar qual a influência do capitalismo na sociedade e como se configura esta influência nas aulas de Educação Física. Tem como **objetivo geral**, analisar e discutir sobre a influência do capitalismo na sociedade e na escola em aulas de Educação Física e tem como **objetivos específicos**, analisar a história e evolução do capitalismo; identificar as determinações da ordem sócio-metabólica do capital na Educação; identificar como se objetivam as determinações da ordem sócio-metabólica do capital nas aulas de Educação Física. E para nortear a pesquisa destaco as seguintes **questões norteadoras**: como se efetivou o capitalismo como processo hegemônico de produção e reprodução de vida? Como se orientam as relações humanas na ordem do capital?

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo estão abordados os conteúdos necessários para uma análise sobre a influência do capitalismo. É preciso que essa base teórica seja feita com ampla referência histórica sobre o tema abordado. Está destacado o sistema feudal e suas características, assim como a transição desse sistema para o capitalismo e suas formas de representação. Também se percebeu necessária uma abordagem sobre a sociedade capitalista e as influências no cotidiano das pessoas. A luta de classe é um tema central nessa pesquisa, pois se percebe que esta acontece em função das desigualdades impostas pelo modo de produção capitalista da sociedade atual. Uma abordagem sobre o capitalismo na educação é destaque no processo de construção desta pesquisa. E como parte final, é necessário que se possa buscar analisar e discutir as influências do sistema capitalista nas aulas de Educação Física e na prática docente para que o objetivo desse projeto seja alcançado.

### 2.1 O FEUDALISMO

Antes de partir diretamente para o feudalismo é necessário fazer menção à Engels (2007) em seu livro *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, em que destaca que com a decadência da família nos moldes primitivos nasce o que hoje temos como sociedade moderna.

A família primitiva era organizada em grupos de interesses comuns, vivendo numa propriedade comum a todos e regida por leis derivadas do poder materno ou paterno em que os laços de parentesco eram vitais para a sobrevivência harmoniosa e segura e que não havia produção de excedentes tornando desnecessário o comércio e o acúmulo de riquezas. (ENGELS, 2007, p. 9)

Segundo Anderson (1994), o feudalismo na Europa Ocidental surge no século X e expande-se durante o século XI logrando seu auge no final do século XII e no século XIII. Pode-se dizer que foi nesse modo de produção que o sistema senhorial é consolidado, assim duas classes se “destacam” nesse sistema, a dos senhores de terra e a dos servos. O hábito dos monarcas pagarem seus mais altos funcionários com a concessão de terras foi primordial para a formação desse senhorio.

Prevalecem na idade média as relações de vassalagem e suserania. O suserano era quem dava um lote de terra ao vassalo, sendo que este deveria prestar fidelidade e ajuda ao seu suserano. O vassalo oferece ao seu senhor, fidelidade e trabalho, em troca de proteção e um lugar no sistema de produção, além de trabalhar três dias por semana de graça para ele. A economia no sistema feudal era baseada na agricultura e na utilização do trabalho dos servos.

Enquanto para os miseráveis o recurso permanecia o da escravidão pura e simples, aqueles que desejassem manter sua “liberdade” tinham na relação de vassalagem, a única saída possível. E quanto mais baixo estivesse na pirâmide social, mais restritivas e fechadas eram as relações de dependência. (MICELI, 1988, p.36)

As redes de vassalagem se estendiam por várias regiões, sendo o rei o suserano mais poderoso. No sistema feudal não existia comércio, as relações eram à base de trocas de produtos e toda produção era destinada ao sustento local. Também não existia trabalho assalariado, o que resultava numa dependência social entre o senhor e o servo.

Os senhores feudais detinham o poder sobre os homens e sobre as terras, pois tinham como ambição a acumulação de riquezas e para que isso pudesse acontecer era necessária essa detenção de poder sobre o trabalho das pessoas. (MICELI, 1988, p. 36)

A sociedade feudal tinha pouca mobilidade social e era hierarquizada. A nobreza feudal composta pelos senhores feudais, cavaleiros, condes, duques, viscondes era detentora de terras e arrecadava impostos dos camponeses. O clero era formado pelos membros da Igreja Católica e tinham um grande poder, pois era responsável pela proteção espiritual da sociedade. Eram isento de impostos e arrecadavam o dízimo.

De acordo com Salinas (1988), as formações sociais do feudalismo constituíram-se no interior das ruínas da formação imperial tributária romana e que não foi provocada por uma revolução social e política conduzida por uma determinada classe social.

Para Enguita (1989), a sociedade feudal era condicionante tanto para o senhor quanto para o servo, de forma que se este podia ver nessa condicionalidade a base de sua dependência, o senhor também encontrava nela uma fonte de obrigações e alguns limites à sua capacidade de decisão.

A última camada da sociedade era formada pelos servos que eram na sua maioria camponeses e pequenos artesãos. Os servos deviam pagar várias taxas e tributos aos senhores feudais, tais como a corveia, que era um trabalho de 3 a 4 dias nas terras do senhor feudal, a talha que era a metade da produção, a banalidade, que eram taxas pagas pela utilização do moinho e forno do senhor feudal.

Marx (2007) destaca que o feudalismo também tinha o seu proletariado, a escravidão que continha os germes da burguesia e que a produção feudal tinha dois elementos antagônicos, o lado bom e o lado mau do feudalismo. Esse lado mau sempre leva a melhor sobre o lado bom, o lado mau é quem produz o movimento que faz a história, constituindo a luta. (MARX, 2007, p.110)

A economia feudal baseava-se principalmente na agricultura. As trocas de produtos e mercadorias eram comuns na economia feudal. O feudo era a base econômica deste período, pois quem tinha a terra possuía mais poder. O artesanato também era praticado na Idade Média. A produção era baixa, pois as técnicas de trabalho agrícola eram extremamente rudimentares. O arado puxado por bois era muito utilizado na agricultura.

Segundo Miceli (1988), na época feudal, existiam também pessoas que se dedicavam à administração, à justiça, ao ensino e também ao comércio, assim como aquelas dedicadas à igreja e ao exército, que apareciam entre os produtores de riqueza e seus senhores. Existiam também, mas em número reduzido, os camponeses livres que eram na sua maioria artesãos.

De acordo com Ponce (1996), no feudalismo existia um tipo de escola para os plebeus, porém essa escola tinha como finalidade não a instrução, nem a leitura ou escrita, mas sim familiarizar as massas de camponeses com doutrinas cristãs e ao mesmo tempo, mantê-las dóceis e conformadas.

O feudalismo não terminou de uma hora para outra, ele foi aos poucos se enfraquecendo e sendo substituído pelo sistema capitalista. Pode-se dizer que o feudalismo começou a entrar em crise, em algumas regiões da Europa, já no século XII, com várias mudanças sociais, políticas e econômicas. O renascimento comercial, por exemplo, teve um grande papel na transição do feudalismo para o capitalismo.

Miceli (1988) relata que desde os primeiros tempos medievais, grupos de comerciantes e artesãos viviam longe da vida do campo e tinham um modo de vida diferente daqueles que habitavam aquela região, eles viviam em lugares

consolidados e fortes, onde grupos de pessoas acumulavam forças, esses lugares eram conhecidos como Burgos. Depois do século XII, essas pessoas foram chamadas de burgueses. Essas pessoas faziam o oposto que exigia o feudalismo, praticavam comércio e quem tivesse mais dinheiro, emprestava e depois cobrava juros em cima do valor emprestado.

Para Ponce (1988), a burguesia nos tempos do feudalismo foi sem dúvida um fator para o progresso social, porém atualmente ela se tornou um obstáculo desse progresso e que não se interessa em se aperfeiçoar o poder dos homens sobre a natureza, como procura detê-lo.

O autor ainda afirma que o mundo feudal e o burguês não coincidiam em seus interesses. Para proteger-se da hostilidade do mundo feudal, os burgueses estabeleciam relações de solidariedade entre si. Essas relações foram denominadas de Comunas, que era a possibilidade que tinham de lutar contra a permanência do mundo feudal. A ajuda mútua construiu a compreensão entre os burgueses de que a única possibilidade de se desenvolver seria a organização comunitária.

Nesse momento histórico é possível destacar que a mudança nas relações econômicas foi de grande importância para que as práticas e regras que regulavam o interior dos feudos sofressem significativas transformações. Essa nova configuração econômica, pouco a pouco, influenciou na transformação nos laços sociais e nas ideias que sustentavam aquele tipo de ordenação presente em toda a Europa. A partir daqui, podemos discutir e compreender o nascimento do sistema capitalista e suas características como meio de produção.

No capitalismo, as relações de produção e trabalho possuem características que divergem daquelas do feudalismo. No sistema capitalista é explícita a função do dono dos meios de produção e do trabalhador que vende sua força de trabalho e também a busca pelo aumento da produção, a busca de novos mercados consumidores que, por conseguinte buscam o lucro.

## 2.2 DO FEUDALISMO AO CAPITALISMO

A transição do feudalismo para o capitalismo é marcada por diversos fatos. O sistema feudal estava passando por alguns problemas e o sistema capitalista se

aproximava cada vez mais da sua formação histórica, isso aconteceu no período da passagem do período Medieval para o Contemporâneo.

De acordo com Salinas (1988), a transição do feudalismo para o capitalismo é um acontecimento que acontece em função das lutas de classe travadas dentro da sociedade feudal, além das revoltas dos camponeses, de rebeliões no decorrer do cotidiano, é uma luta por condições de sobrevivência e transformações dos trabalhadores.

O autor também defende a ideia de que a religião não é oferecida como uma técnica de vida, mas como uma questão de ética e esse comportamento fazia com que os fiéis evitassem usufruir das riquezas e restringiam o consumo voluntário.

Essa ética não condenava a acumulação proveniente do trabalho e a sua inevitável consequência: a acumulação da riqueza. Enriquecer sem ostentação não era considerado desobediência aos princípios religiosos. (SALINAS, 1988, p. 33)

Os burgueses eram ex-servos que viviam nos campos e passaram a fazer parte da vida nas cidades e do mercado. Nesse momento a burguesia queria se desvincular do clero o que ocorria em toda a Europa ocidental, pois os burgueses estavam cada vez mais independentes e o comércio estava crescendo significativamente.

Salinas (1988) reforça a ideia de que o feudalismo não provém da fraqueza das classes dominantes, mas a existência de frações de classes dominadas que resistem e impedem a dominação dos senhores feudais. Afirma também que os camponeses, que seriam os futuros proletários, serão os grandes perdedores, saindo de uma servidão para outra mais cruel ainda, a escravidão do salário. Algumas cidades se beneficiam com o fim das cruzadas que reabre o mar Mediterrâneo, Gênova e Veneza se fortalecem no comércio por serem cidades portuárias. A chamada “crise de retração” foi ocasionada pela peste negra e pela fome que complicou o comércio mediterrâneo e a economia feudal. Porém, ocorreu um período de crise no comércio europeu e para resolvê-lo ocorreu uma expansão marítima que ocasionou o comércio e a exploração de fontes de minério recém-descobertas.

Para Manfred (1982), o desenvolvimento da exploração das minas de ferro e fontes de comércio de minério foi um fator extremamente importante no processo de relação feudal e o modo de produção capitalista, pois o ferro era o minério mais

importante da época tanto para a agricultura quanto para a indústria. Nessa passagem do Feudalismo para o Capitalismo, ocorreram várias mudanças na economia, na igreja, nas cidades e principalmente no homem, tornando-o mais crítico e menos teocentrista.

De acordo com Manfred (1982), várias inovações técnicas de produção aumentaram o nível da produtividade do trabalho, porém os moldes das indústrias medievais não encorajavam esses melhoramentos. Entretanto, a necessidade de aumentar a produção fazia crescer cada vez mais esse padrão de desenvolvimento produtivo.

A maior produtividade do trabalho e o considerável aumento do volume de produção em várias indústrias levaram a uma divisão do processo de produção em algumas operações ou processos separados. (MANFRED, 1982, p. 51)

Manfred (1982) ainda destaca que o trabalho excedente realizado pelos empreendedores que pagavam somente parte do trabalho aos artesãos, o produto acabado e produzido pelo trabalho excedente é mais tarde vendido no mercado e que traz ao empresário um valor sobressalente. Continua descrevendo que os empresários pagavam os trabalhadores o mesmo valor, mesmo que produzissem mais que o custo da sua força de trabalho, explorando esses trabalhadores assalariados para receberem mais dinheiro.

No curso do desenvolvimento histórico e precisamente devido ao inevitável fato de que, no interior da divisão social do trabalho, as relações sociais adquirem uma existência autônoma, surge uma divisão na vida de cada indivíduo, na medida em que uma vida é pessoal e na medida em que está subsumida a um ramo qualquer do trabalho e às condições a ele correspondentes. (MARX; ENGELS, 1999, p. 119).

Manfred (1982) destaca que a sede do lucro é a força motora que estava por trás de todas as empresas dos capitalistas e estes lutavam sempre por aumentá-lo, pagando ao trabalhador o mínimo e exigindo deles o máximo. O valor excedente é uma característica essencial do modo de produção capitalista; é o fim para que é dirigida a atividade do capitalista e no qual ele vê a razão da sua atividade. (MANFRED, 1982, p. 53)

Segundo Manfred (1982), a introdução de técnicas inovadoras pelos capitalistas tinha o objetivo de obterem o lucro máximo e que foi característica dos modos de produção, pois a necessidade dos processos de produção levou a



substituir as mãos humanas pelas máquinas que executassem os mesmos processos com maior velocidade e precisão.

Para Marx e Engels (2007), o modo de exploração feudal não conseguia mais atender às necessidades que aumentavam sem cessar à medida que novos mercados se abriam. A pequena burguesia industrial tomou lugar dos mestres artesãos e a divisão do trabalho entre as diferentes corporações cedeu o lugar à divisão do trabalho dentro de cada oficina.

O mercado mundial acelerou prodigiosamente o desenvolvimento do comércio, da navegação, das vias de comunicação terrestres. Esse desenvolvimento reagiu, por sua vez, sobre a extensão da indústria e na mesma medida em que a indústria, o comércio, a navegação, as ferrovias se desenvolviam, a burguesia também crescia, aumentando seus capitais e colocando em segundo plano todas as classes legadas pela Idade Média. (MARX; ENGELS, 2007, p. 49)

Para Monteiro (1995) a sociedade feudal sofreu em meados do século XIV e no XV uma sucessão de problemas cujos resultados trazem uma crise estrutural do feudalismo. As razões dessa crise são encontradas internamente no modo de produção feudal. A população aumentava constantemente e a produção não conseguia acompanhar o mesmo ritmo do aumento populacional. As terras já estavam esgotadas devido ao mau uso e o sistema não favorecia o desenvolvimento dos meios de produção.

Podemos a partir deste momento, considerar o capitalismo como a solução dos problemas naquela época histórica e entrarmos realmente no estudo desse novo sistema econômico. Foi possível compreender que a transição do mundo feudal passou por turbulentas alterações na vida das pessoas, desde o nascimento do comércio como propulsor do surgimento do capitalismo, a burguesia crescendo como grupo dominante até chegarmos ao auge do sistema, deste ponto em diante, estudaremos sobre o capitalismo e suas características.

### 2.3 O CAPITALISMO

Para compreender a influência do capitalismo na sociedade através dos tempos, é preciso primeiramente compreender o seu significado, sua história e evolução. Para iniciar essa discussão precisamos saber o que é capital? De acordo

com Wallerstein (1995), capital é o elemento chave do capitalismo, é a riqueza acumulada, mas quando usado num contexto histórico seu conceito é mais específico, ou seja, não é somente o estoque de bens consumíveis, de máquinas ou de demandas reconhecidas que se expressam em forma de dinheiro através de coisas materiais.

Para que exista capitalismo faz-se necessária a concentração da propriedade dos meios de produção em mãos de uma classe social e a presença de uma outra classe para qual a venda da força de trabalho seja a única fonte de subsistência. (CATANI, 2003, p. 8).

Para Marx e Engels (2007), o capital é criado pelo trabalho proletário que é explorado pela propriedade privada e que só aumenta sob a condição de produzir mais trabalho assalariado para voltar a explorá-lo. Portanto, a propriedade se move em função do capital e do trabalho.

De acordo com Harnecker e Uribe (1979), capital não é o mesmo que dinheiro e que estão equivocados aqueles que pensam que capitalistas são todos aqueles que conseguiram juntar certa quantidade de dinheiro. Capital não é o dinheiro guardado e nem o dinheiro recebido pelo trabalhador como salário e que gasta na compra de bens de consumo para si e sua família.

Para que o dinheiro se transforme em capital, é necessário que este seja gasto na compra de mercadorias que permitam ao dono do dinheiro não só para recuperar esse dinheiro, como obter mais dinheiro depois de ser usado no processo de produção. (HARNECKER; URIBE, 1979, p.51)

Para avançarmos nessa discussão, é necessário compreender o significado de capitalismo. De acordo com Catani (2003), destacam-se na busca da explicação sobre o capitalismo a teoria de Max Weber que defende a ideia que ele é constituído a partir da herança de um modo de pensar as relações sociais legada pelo movimento da Reforma na Europa: do protestantismo de Lutero e mais ainda no Calvinismo.

O autor ainda afirma que neste modo de pensar a valorização do trabalho é muito significativa a procura de uma profissão em busca da salvação do indivíduo. Catani (2003), a partir de Karl Marx, aponta uma perspectiva social histórica, onde capitalismo é um determinado modo de produção de mercadorias, gerado historicamente desde o início da Idade Moderna e que se destacou intensamente na Revolução Industrial.

A finalidade imediata da produção capitalista é a valorização do capital, e não a criação de artigos de consumo. As mercadorias criadas pelo capital só tem sentido enquanto portadoras de mais valor, e o consumo só tem sentido como um momento em que o mais valor incorporado na mercadoria é realizado. (GALVÃO, 1984, p.164)

Isso significa que a produção capitalista é sempre um processo de acumulação de capital, pois capital é sempre capital. Assim a economia capitalista tem sido governada pela intenção racional de maximizar a acumulação. (WALLERSTEIN, 1995).

Na medida em que mais capital se acumula, mais processos se tornam mercantilizados e mais mercadorias são produzidas, para manter o fluxo é necessário garantir um número crescente de compradores. Entretanto, os esforços para reduzir os custos de produção frequentemente reduzem a distribuição e circulação do dinheiro, inibindo a expansão estável do número de compradores, necessários para completar o processo de acumulação. (WALLERSTEIN, 1995).

Capitalismo é o sistema econômico que se caracteriza pela propriedade privada dos meios de produção. No sistema capitalista as padarias, fábricas, confecções, gráficas, papelarias, pertencem a empresários e não ao Estado. Nesse sistema, a produção e a distribuição das riquezas são regidas pelo mercado, no qual os preços são determinados pelo livre jogo da oferta e da procura. O capitalista, proprietário de empresa, compra a força de trabalho de terceiros para produzir bens que, após serem vendidos, lhe permitem recuperar o capital investido e obter um excedente denominado lucro.

Por modo de produção entende-se tanto o modo pelo qual os meios necessários à produção são apropriados, quanto às relações que se estabelecem entre os homens a partir de suas vinculações ao processo de produção. (CATANI, 2003, p. 8).

Antunes (2004) afirma que a propriedade privada é o produto, o resultado, a consequência do trabalho exteriorizado, da relação externa do trabalhador com a natureza e consigo mesmo e que resulta do conceito de trabalho exteriorizado, isto é, de homem exteriorizado.

Catani (2003) descreve que capitalismo significa não apenas um sistema de produção de mercadorias, como também um determinado sistema no qual a força de trabalho se transforma em mercadoria e se coloca no mercado como qualquer objeto de troca.

De acordo com Marx e Engels (2007), o sistema capitalista é formado por burgueses e proletários, em que se entendem por burgueses aqueles pertencentes a classe dos capitalistas modernos, proprietários dos meios de produção social e que empregam trabalho assalariado. Os proletários são a classe dos trabalhadores assalariados modernos que não tendo meios próprios de produção, são obrigados a vender sua força de trabalho para sobreviver.

Ainda afirmam que a sociedade burguesa moderna, que surgiu das ruínas da sociedade feudal, não aboliu os antagonismos de classes, somente substituiu as antigas por novas classes, por novas condições de opressão e por novas forças de luta.

De acordo com Marx (2007), os economistas são os representantes científicos da classe burguesa, os socialistas e os comunistas são os teóricos da classe proletária.

Para Harnecker e Uribe (1979), o sistema capitalista representa um grande avanço no desenvolvimento da sociedade, pois é o único capaz de proporcionar ao homem, o maior bem estar possível. Porém a realidade hoje é bem diferente, com o aumento da produtividade deveria acontecer a abolição da miséria e como exemplo de países capitalistas em que existe fome, pobreza em abundância existe paralelo a isto, muita riqueza concentrada. As autoras ainda defendem que o capitalismo é ineficaz e destrutivo, irracional e injusto, pois nem toda a produção é utilizada e sempre está em crise, ou de inflação ou deflação.

O sistema capitalista é ineficaz e destrutivo porque é incapaz de dar trabalho útil a todos os homens e mulheres que o desejam e ao mesmo tempo permite que milhares de pessoas física e mentalmente sãs vivam sem nunca terem trabalhado. É incapaz de desenvolver os recursos do país, de aproveitar a totalidade do potencial humano, é incapaz de resolver a contradição da existência de terras incultas ao lado de camponeses sem terra. (HARNECKER; URIBE, 1979, p.9 )

Outro destaque de Harnecker e Uribe (1979), é de que no sistema capitalista o que realmente interessa ao proprietário da fábrica é que a venda dos produtos lhe traga uma maior quantidade de dinheiro, do que aquela que ele gastou na produção desses produtos e que se esse ganho de dinheiro não acontece, para o proprietário da fábrica, não tem lucro e, portanto, não faz sentido.

O capitalista, mediante a compra da força de trabalho, incorporou o próprio trabalho, como fermento vivo aos elementos mortos constitutivos do produto, que lhe pertencem igualmente. Do seu ponto de vista, o processo de trabalho é apenas o consumo da mercadoria, força de trabalho por ele comprada, que só pode, no entanto, consumir ao acrescentar-lhe meios de produção. (ANTUNES, 2004, p.48).

Ser capitalista significa ocupar não somente uma posição pessoal, mas também uma posição social na produção. O capital é um produto coletivo, não pode ser posto em movimento senão pela atividade comum de muitos indivíduos e mesmo, em última análise, pela atividade comum de todos os indivíduos, de toda a sociedade. (MARX; ENGELS, 2007).

## 2.4 A SOCIEDADE CAPITALISTA

No capitalismo as regras do jogo são as da acumulação de riqueza monetária obtida no mercado, isto é, mediante a competição feroz entre empresas, Estado e indivíduos e esse jogo pressupõe a violação permanente e sistemática das regras. As relações entre o político e o econômico estão configuradas de modo a remover quaisquer obstáculos à expansão da grande empresa e do capital financeiro. (BELLUZZO, 2004).

Segundo Kruppa (1994), o sistema capitalista não significa uma forma de ser da economia, não se resume na existência de trabalhadores assalariados a serviço da classe proprietária dos meios de produção, mais do que isso, o sistema capitalista apoia um conjunto de ideias, de formas de agir e pensar que foram desenvolvidas para explicar e justificar o próprio sistema. E a esse conjunto de ideias que normalmente são aceitos sem discussão se dá o nome de liberalismo.

A autora cita Karl Marx que afirma que a marca da sociedade capitalista é a divisão social acentuada do trabalho e a apropriação dos resultados do trabalho por outro que não é o trabalhador. A existência da propriedade privada dos meios de produção separa em classes sociais distintas e opostas os proprietários dos não proprietários dos meios de produção, os burgueses e os operários. Os primeiros tem a propriedade dos meios de produção, os segundos apenas a sua força de trabalho.

Na sociedade capitalista o trabalho se transforma em uma mercadoria, vendida como qualquer outra no mercado, perde sua característica humana. O homem deixa de se sentir homem pelo trabalho. Ao contrário, só se sente livre quando desempenha suas funções animais (comer, beber, procriar, etc.). (KRUPPA, 1994, p. 59)

Kruppa (1994), ainda contextualiza as ideias de Marx sobre a alienação, em que essa significa a separação entre o pensar e o executar e mais, a apropriação dos resultados do trabalho por outro que não o trabalhador. Destaca que na sociedade em que vivemos as pessoas são preparadas para exercer algumas funções, ou seja, algumas pessoas são preparadas para pensar e outras para executar. Neste sentido afirma que mão e consciência encontram-se separadas e representadas por homens distintos, um que executa e outro que pensa. A alienação é acentuada no sistema capitalista através das instituições sociais onde vivem socialmente os homens numa tensão cotidiana entre as forças de mudança e as de conservação.

A rotina e o parcelamento do trabalho em tarefas mais simples, permitem a substituição de mão-de-obra semi qualificada, cujas funções foram mecanizadas por pessoal mais barato, substituindo-se não só o mais qualificado pelo menos qualificado, como o homem pela mulher, ganhando a empresa com a diminuição do salário, devido a diferença de qualificação e com o diferencial negativo do salário da mulher em relação ao homem. (ROSSI, 1980, p. 42)

Para Leontiev (1959) a alienação está diretamente ligada à transformação da consciência e acontece de forma mais evidente nas sociedades de classes desenvolvidas, onde uma grande massa dos produtores separou-se dos meios de produção em que esta alienação é criada pelo desenvolvimento da propriedade e das relações de troca.

Contextualiza que o homem encontrava-se em perfeita relação de unidade natural com as condições necessárias à vida, contudo sua ligação direta com a terra, com os instrumentos de trabalho e com o próprio trabalho foi destruída. A grande massa dos produtores transformou-se em operários assalariados cuja única propriedade é sua força de trabalho, para viver e satisfazer suas necessidades vitais foi essencial a venda da sua força de trabalho, ou seja, alienar-se de seu trabalho. (LEONTIEV, 1959)

Para Tonet (2005), a alienação se refere às relações do indivíduo com o gênero humano e assim, também com os outros indivíduos e que as determinações essenciais do trabalho são atividades essencialmente sociais. No trabalho

capitalista, o patrimônio genérico, natural ou social, em vez de contribuir para fazer o homem mais rico, é degradado a simples meio de sobrevivência deste. O autor ainda refere-se a Marx que diz que o conjunto de aspectos que constitui a raiz da alienação é que cada homem se encontra diante do outro não em uma relação positiva de autoconstrução, mas de estranhamento e de oposição.

A sociedade é vista como sendo, e realmente é, composta por indivíduos competitivos, opostos entre si, cada um procurando satisfazer os seus interesses e tendo os outros como inimigos e não como companheiros. (TONET, 2005, p. 110).

De acordo com Rossi (1980), a organização econômica da sociedade oferece certos privilégios a determinadas classes pela detenção da propriedade do capital e/ou da terra e monopolizam os instrumentos de produção e que determinam a sua dominação e exploração. O autor ainda destaca que com a evolução das relações sociais, aqueles que são explorados conseguem mudar esse tipo de dominação, enquanto os dominadores se apegam aos privilégios que defendem e possam perpetuá-los.

A boa sociedade deve tornar livres os seus integrantes, não apenas livres de um ponto de vista negativo – no sentido de não serem coagidos a fazer o que não fariam por espontânea vontade, mas positivamente livres, no sentido de serem capazes de fazer algo da própria liberdade. Isso significa, primordialmente, o poder de influenciar as condições da própria existência, dar um sentido para o bem comum e fazer as instituições sociais funcionarem adequadamente. (BELLUZZO, 2004, p. 129).

Segundo D'ávila (1985), buscar determinações sociais no próprio contexto social fazem da teoria da divisão social do trabalho a expressão científica e racional da irracionalidade que o modo de produção capitalista manifesta através das contradições resultantes do interesse ligado ao capital e ao trabalho. Afirma ainda que os conflitos sociais constituem desajustes entre o indivíduo e a sociedade e que é pertinente em uma solidariedade social.

Duarte (2008) comenta que a sociedade atual chamada sociedade do conhecimento é uma ideologia produzida pelo capitalismo, é um fenômeno no campo da reprodução ideológica do capitalismo. Dessa forma, para falar sobre algumas ilusões da sociedade do conhecimento é preciso primeiramente explicitar que essa sociedade é, por si mesma, uma ilusão que cumpre determinada função ideológica na sociedade capitalista contemporânea.

De acordo com Tonet (2005), as desigualdades sociais que hoje presenciemos seriam o resultado do próprio desdobramento da igualdade e da liberdade naturais. A busca da realização pessoal, consequência da própria liberdade de todos, faria com que os indivíduos se chocassem entre si, dando origem aos conflitos, mesmo que essa igualdade e essa liberdade fossem a base o desenvolvimento futuro da sociedade.

A expansão do capitalismo não foi exatamente um passeio, mas o resultado de um processo prolongado, inacabado e irregular de luta de classes, concorrência econômica e enfrentamentos políticos. (ENGUIITA, 1989).

#### **2.4.1 Luta de Classes**

Inicialmente é preciso ressaltar a definição de classe social para podermos seguir nesse subcapítulo sobre a luta de classes. Gurvitch (apud VELHO; PALMEIRA; BERTELLI, 1974), define classe social como grupamentos particulares de fato e à distância, caracterizados por sua suprafuncionalidade, sua tendência para uma estruturação crescente, sua resistência à penetração pela sociedade global e por sua incompatibilidade radical com as outras classes.

Ponce (1996) destaca que a origem das classes sociais tem provavelmente duas vertentes ou a possibilidade de duas origens. A primeira defende que pode ter sido em função do escasso trabalho humano e a segunda que foi a substituição da propriedade comum pela propriedade privada.

A classe social é também, e antes de tudo, uma categoria histórica. Isso significa que as classes estão ligadas à evolução e ao desenvolvimento da sociedade; encontram-se no interior das estruturas sociais constituídas historicamente. (GURVITCH, 1974)

Segundo Lênin (1977), as classes são grandes grupos de homens que se diferenciam pelo seu lugar no sistema historicamente determinado de produção social, pela sua relação com os meios de produção, pelo seu papel na organização social do trabalho e, por conseguinte, pelos meios de obtenção e pelo volume da parte da riqueza social de que dispõem.

Marx (1975) ressalta que nas sociedades primitivas não havia a divisão entre classes, que esta divisão surgiu com base em mudanças nas forças de produção e



nos conflitos entre os homens, que levaram à posse privada, por um grupo social, do excedente produzido e da própria terra geradora de riqueza, graças à exploração de outra classe social que não detinha a posse dos meios de produção.

De acordo com as teorias marxistas as classes sociais são grandes grupos sociais definidos por sua inserção nas relações fundamentais de produção dentro de um sistema econômico e social particular. As classes sociais são os atores privilegiados na história, e sua ação assume a forma de luta de classes. As classes sociais se definem em termos de conflito, em termos de luta pelo poder do estado e em termos da disputa sobre a apropriação do excedente. A luta de classes é específica das sociedades com classes, nas quais esse acesso à propriedade, à riqueza, capital, ao poder e aos outros recursos econômicos é desigual.

Para Castelo Branco (2006), a primeira determinação básica de uma classe social é a sua posição na divisão social do trabalho, na base material de produção, ou seja, a posição que um indivíduo ocupa nas relações sociais de produção a partir da posse de uma mercadoria. Se um indivíduo possui as mercadorias dinheiro e/ou meios de produção, podemos afirmar que ele é um burguês; se o indivíduo detém a força de trabalho, é um proletário.

Lukács (apud VELHO, PALMEIRA E BERTELLI, 1974), destaca que a vocação de uma classe à dominação significa que é possível, a partir de seus interesses de classe e de sua consciência de classe, organizar o conjunto da sociedade de conformidade com esses interesses. As próprias condições indispensáveis à afirmação dos interesses de classe são a acumulação de capital e a luta pela existência da própria classe.

Para Ponce (1996), a luta de classes não se dá assim que estas se originam, leva-se um tempo para que as classes se reconheçam e assim comece a luta entre elas. Esse reconhecimento do papel que tem na sociedade, assim como modo de produção exige um extenso período em que as contradições de classes se mostram mais forte. O autor afirma que nas classes sociais todas têm seus costumes particulares, mas, contemporaneamente, se ressentem do processo e aculturação por parte dos dominantes.

Leontiev (1959) ressalta que só com o aparecimento e o desenvolvimento da divisão social do trabalho e das relações de propriedade privada poderiam atuar de

modo a que a estrutura inicial da consciência cedesse lugar a uma nova, respondendo às novas condições socioeconômicas da vida humana.

A transformação essencial que caracteriza a consciência nas condições do desenvolvimento da sociedade de classes é a modificação que sofre a relação que existe entre o plano dos sentidos e o plano das significações nas quais se produz a tomada de consciência. (LEONTIEV, 1959, p. 122)

De acordo com D'ávila (1985), a luta de classes na pedagogia, atravessa tanto a teoria quanto as práticas pedagógicas que se manifestam no interior da instituição educacional, em outra forma de pensar, essa luta acontece em classes fundamentais para fazer dominar seus interesses em uma determinada situação histórica.

## 2.5 CAPITALISMO E EDUCAÇÃO

Para iniciar esse capítulo, vou me reportar aos escritos de Ponce (1988) que ressalta que na comunidade primitiva as mulheres e crianças estavam em pé de igualdade com os homens e que a partir dos sete anos, as crianças acompanhavam os adultos nos trabalhos e também ajudavam no que fosse necessário e recebiam alimentos como forma de pagamento, como todos os outros membros da comunidade. A educação das crianças não era destinada a ninguém, eles tinham um ensino para a vida e por meio dela, ou seja, para aprender a manejar o arco, eles caçavam, para aprender a guiar com o remo, navegavam, assim viviam em nível igual ao dos adultos. (PONCE, 1988)

Segundo Costa e Salomão (2009), os homens e as mulheres dividiam as tarefas diárias, sempre respeitando as diferenças físicas entre eles. Eram indivíduos livres, com direitos, que ajustaram suas vidas às resoluções de um conselho formado democraticamente por todos os adultos. Todos os membros eram educados da mesma forma e a tribo produzia o suficiente para as suas necessidades. Porém esse sistema não era tão eficaz, e por isso foi surgindo a necessidade de algumas distinções e formas dentro do trabalho e então foi preciso delegar funções e cargos específicos. Assim, a sociedade dividiu-se em dois grupos, duas classes. De um lado um grupo que organizava e delegava as funções e do outro quem atendia e realizava as ordens.

A crescente complexificação do ser social e a divisão da sociedade em classes deram origem à necessidade de um setor separado do conjunto da sociedade. Este se ocuparia da organização e da direção desse processo de apropriação do patrimônio comum por parte dos indivíduos de modo a não permitir que o controle escapasse das mãos das classes dominantes. (TONET, 2005, p. 220).

Havia a necessidade do surgimento de uma instituição que assegurasse a nova forma privada e o acúmulo de riquezas, assim nasceu o Estado. A educação passou a ser ministrada pela classe dominante. Após a Educação do homem primitivo, passamos para a educação do homem antigo. Foi nessa época também que o pequeno comércio havia se estabelecido e os funcionários já começaram a ser classificados e tratados como escravos. (COSTA; SALOMÃO, 2009).

Segundo Durkheim (1978), a palavra Educação tem sido muitas vezes empregada em sentido demasiadamente amplo para designar o conjunto de influências que sobre a nossa inteligência ou sobre nossa vontade, exercem os outros homens ou, em seu conjunto, realiza a natureza. Ainda afirma que cada sociedade, considerada em momento determinado de seu desenvolvimento, possui um sistema de educação que se impõe aos indivíduos de modo geralmente irresistível.

A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social; tem por objetivo suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política, no seu conjunto, e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destina. (DURKHEIM, 1978, p.41)

Como afirma Kruppa (1994), é através das relações com outros homens que o processo de socialização se desenvolve e é essa uma das razões que o homem enquanto vive, aprende e também ensina, transmite, produz e modifica os conhecimentos e a sua cultura e que a educação está diretamente ligada a este processo de humanização do próprio homem desenvolvendo suas capacidades.

De acordo com Lombardi e Saviani (2005), a escola capitalista é um espaço ambíguo de reprodução e transformação e de disputa entre o capital social e o capital cultural. Ainda afirmam que a educação depende da economia e da política e que o desafio na perspectiva socialista deve contribuir com a formação de novas gerações capazes de decifrar e brechar as políticas estatais.

Para Ponce (1996) a histórica luta das classes através dos tempos na sociedade mostra que a educação é o processo mediante o qual as classes

dominantes preparam na mentalidade e na conduta das crianças as condições fundamentais da sua própria existência.

A classe que domina materialmente é também a que domina com a sua moral, a sua educação e as suas ideias. Nenhuma reforma pedagógica fundamental pode impor-se antes do triunfo da classe revolucionária que a reclama. (PONCE, 1996, p. 169)

Durkheim (1978), afirma que a educação não é universal, ou seja, igual para todos e adaptada a toda a espécie humana, mas sim que existem diferenciados tipos de educação dentro de uma mesma sociedade.

Na perspectiva das classes dominantes, historicamente, a educação dos diferentes grupos sociais de trabalhadores deve dar-se a fim de habilitá-los técnica, social e ideologicamente para o trabalho. Trata-se de subordinar a função social da educação de forma controlada para responder às demandas do capital. (FRIGOTTO, 1996, p.26)

De acordo com Frigotto (1996), a educação, quando apreendida no plano das determinações e relações sociais e, portanto, ela mesma constituída e constituinte destas relações, apresenta-se historicamente como um campo da disputa hegemônica. O autor ainda destaca que a subordinação das práticas educativas aos interesses do capital toma formas e conteúdos diversos no capitalismo e que essa subordinação é uma diferenciação explícita da educação ou formação humana para as classes dirigentes e a classe trabalhadora.

Para Tonet (2005), a educação voltada para a construção de uma sociedade que tenha por horizonte a emancipação da humanidade terá que ser norteadada por princípios e que deve encontrar formas profundamente diferentes daquela voltada para a reprodução da sociabilidade regida pelo capital. O autor ainda destaca que com sociedade de classes, a Educação foi “sequestrada”, isto é, organizada em seu conteúdo e em seus métodos de modo a atender os interesses das classes dominantes, mas nas formas de sociabilidade anteriores à burguesia, a desigualdade social aceita como natural, fazia com que a desigualdade na Educação também fosse vista como algo inquestionável.

Segundo Bracht (1997), a Educação é determinada e determinante da estrutura social, onde os problemas da pedagogia não são somente pedagógico, mas também, políticos e ideológicos e que faz da Educação na sociedade capitalista, um fator de reprodução social ou de manutenção da sociedade de classes.

O autor destaca também que o acesso à Educação é seletivo e reflete diretamente no sistema educacional das classes, onde os filhos dos pobres não tem acesso à escola ou quando têm as vezes são obrigados a abandoná-la e quando permanecem os resultados de ensino são poucos significativos e com pouquíssimas exceções. O contrário acontece com os filhos dos ricos que têm todo um aparato de favorecimento e benefícios favorável para o seu desenvolvimento intelectual. (BRACHT, 1997).

A formação do indivíduo é, portanto, sempre um processo educativo, mesmo quando essa educação se realiza de forma espontânea, isto é, quando não há a relação consciente com o processo educativo que está se efetivando no interior de uma determinada prática social. (DUARTE, 2008, p. 33).

De acordo com Duarte (2008), a educação escolar deve desenvolver no indivíduo a autonomia intelectual, a liberdade de pensamento e de expressão, a capacidade e a iniciativa de buscar por si mesmo novos conhecimentos. Mas as pedagogias do “aprender a aprender” estabelecem uma hierarquia valorativa, na qual aprender sozinho situa-se em um nível mais elevado que o da aprendizagem resultante da transmissão de conhecimentos por alguém. Ao contrário desse princípio valorativo, é possível postular uma educação que fomente a autonomia intelectual e moral por meio da transmissão das formas mais elevadas e desenvolvidas do conhecimento socialmente existente.

Para Enguita (1989), a escola deveria ter papel de ensinar os alunos para uma sociedade sem desigualdades, mas o que se vê nas escolas são os alunos inseridos numa relação de autoridade e hierarquia, tal como devem fazê-lo quando se incorporarem ao mundo do trabalho. A escola tem como característica importante a manutenção da ordem em sala de aula. A submissão à autoridade aprendida no seio da família não constitui base preparatória para a aceitação da autoridade no local de trabalho.

Toda ação pedagógica implica a seleção de um conjunto de saberes como dignos de serem transmitidos e aprendidos e como corolário a eliminação de outros como indignos de tal procedimento. (ENGUITA, 1989, p. 170).

As relações de exploração entre os seres humanos se manifestam nas relações estabelecidas por dentro da escola capitalista, relações hierarquizadas de controle e poder das gestoras e gestores sobre o professorado, do professorado

sobre o alunado e destes, sobre ninguém – quando muito, sobre eles mesmos. Quando o controle se torna domínio de um sobre outro, a liberdade é cerceada para ambos. Para o dominado, que deve obedecer independente de qualquer questão, até porque é isto que se espera do “bom” aluno ou aluna; e para quem o domina, que cria condições em que dele só se esperam ordens, decisões e poder sobre aqueles que são seus subordinados, o acorrenta em relações de poder e dominação ainda que esteja acima da ordem hierárquica. Impede, com isso, de criar condições possíveis de emancipação de si e para si. (FRIZZO, 2012).

De acordo com Saviani (apud TONET, 2005), a contribuição da educação para a formação do indivíduo é de suma importância para a sua própria emancipação e que a Educação é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular a humanidade que é produzida historicamente e coletivamente pelo conjunto dos homens.

Toda atividade educativa consiste em propiciar ao indivíduo a apropriação de conhecimentos, habilidades, valores, comportamentos e que se constituem em patrimônio acumulado e decantado ao longo da história da humanidade, contribuindo para que o indivíduo se construa como membro do gênero humano e se torne apto a reagir diante do novo de modo que isso seja favorável à reprodução do ser social na forma em que ele se apresenta num determinado momento histórico. (TONET, 2005).

De acordo com Frizzo (2012), no sistema do capital, a educação se consolida na incumbência de atender as demandas apresentadas pela esfera produtiva, formando um determinado tipo de ser humano necessário à lógica do mercado. O trabalho pedagógico, portanto, é uma prática social munida de forma e conteúdo, expressando dentro das suas possibilidades objetivas as determinações políticas e ideológicas dominantes em uma sociedade ou, ainda, busca a explicitação da superação destas determinações.

Segundo Duarte (2008), uma educação que se proponha a desenvolver a consciência autônoma dos indivíduos, teria como um de seus pressupostos o de que tal desenvolvimento não ocorre a não ser na atividade voltada para o exterior, para a realidade social, para o outro. É uma luta árdua, pela superação das relações sociais que transformam a materialidade e a idealidade em forças inimigas do próprio ser humano.

## 2.6 CAPITALISMO NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Buscar uma resposta para essa discussão é um esforço muito grande e bastante complexo de modo que essas influências que vivemos hoje nas escolas e nas práticas docentes e em todo modo de vida da sociedade são diariamente alimentadas pelos dominantes, por aqueles que detêm o poder.

Precisamos estar preparados para formar os alunos nas escolas com criticidade para que eles possam internalizar todos os valores que almejamos para uma sociedade sem classes e igualitária, participando da transformação da comunidade que vivemos.

Os professores de Educação Física também precisam estar cientes e conscientes do seu papel nessa possível transformação social que desejamos. Portanto o objetivo é analisar possíveis acontecimentos que são frutos desse sistema econômico mundial nas aulas e que podem influenciar a prática docente.

Podemos iniciar analisando a competição nos jogos e atividades escolares nos conteúdos das aulas de Educação Física. Viana (2011) afirma que a competição é apontada como um produto social e histórico, constituído pelo capitalismo que gera uma sociabilidade e mentalidade competitivas, cujo resultado é a naturalização desse fenômeno social e que a competição é um fenômeno social que tem importância no processo de reprodução ou transformação das relações sociais e possui um forte vínculo com a cotidianidade e cultura existente em nossa sociedade.

Bracht (1997) destaca que a exacerbação do espírito competitivo na escola é levada a condição de finalidade, ou seja, o esporte enquanto fim em si mesmo. Que a ideia da competição ou da concorrência toma conta do espaço escolar e que se fomenta na busca pela vitória, muitas vezes a qualquer custo. Ressalta ainda que não há mais espaço para discussão de regras ou de criação de novas regras para adaptação do esporte na escola e conseqüentemente, não há mais preocupação com o desenvolvimento dos valores relacionados ao coletivismo, representando assim, o modo de vida da sociedade atual.

A gênese da competição capitalista nos remete a Marx, quando afirma que o processo de produção tem como pressupostos a divisão social do trabalho, que colocam a necessidade dessa competição. Essa necessidade se dá pela própria dinâmica capitalista em sua totalidade e isso reforça sua reprodução para outras instâncias além do próprio modo de produção.

Assim, a competição invade o conjunto das relações sociais e pode ser vista não somente no processo de produção e distribuição dos bens materiais, mas também nas escolas, na política institucional, nos meios oligopolistas de comunicação, na família, nas brincadeiras, na arte, no lazer, nos jogos, nos esportes, etc. A competição se torna generalizada na sociedade capitalista, que é uma sociedade competitiva. (VIANA, 2011)

Viana (2011) destaca ainda que nas sociedades pré-históricas e nas indígenas, o processo de socialização operava através da cooperação entre as relações sociais, enquanto na sociedade moderna, existe um espaço social e físico, privilegiado, especializado e burocratizado. A competição faz parte de todo um processo social, porém ela não é natural, foi construída. Nas escolas, nas eleições, nos esportes e até nos desenhos animados, a prática competitiva está presente.

Para Betti (1991) o esporte escolar envolve os alunos em atividades competitivas, despertando grande interesse e motivação, possibilitando assim uma maior afirmação social, integração e lazer. Por outro lado, o esporte também apresenta características negativas, por ser burguês e refletir o sistema capitalista industrial, sendo que, a prática de atividades esportivas competitivas pode ocasionar traumas psico-afetivos-sociais.

Para Enguita (1989), a competição é uma representação da economia capitalista e que não ocorre somente entre empresas, mas também entre os indivíduos pelo acesso aos empregos, além disso, a organização social da empresa traz a competição para seu interior na forma de salários por tarefa, normas de produção, prêmios por produtividade, competição pelas oportunidades de promoção.

O autor ainda se refere à escola afirmando que mesmo em seu reformismo pedagógico se incorporou um discurso da solidariedade, cooperação, do trabalho em equipe, estimulando por todos os meios a seu alcance, a competição entre os alunos. Discorrendo sobre esse tema, ressalta que mesmo quando o aluno está disposto a cooperar, esse é designado às tarefas organizadas pelo professor, ou seja, a obedecer às ordens. Outro fator que pode ser analisado na referência do autor é a competição estimulada por notas, que estabelecem uma categorização entre os estudantes pois a cada nova rodada de notas, supõe uma realocação simbólica dos indivíduos dentro do grupo.

Outro aspecto que devemos considerar como uma possível influência e ferramenta do capitalismo nas aulas é a mídia, seja ela televisiva, escrita, virtual.



Nas gerações atuais ela está presente diariamente no cotidiano dos educandos, é uma forma de ter uma referência como pessoa, espelham-se nos atletas que ganham salários altíssimos, e procuram fazer disso sua forma de viver, pensando que todos podem e tem as mesmas condições e possibilidades de alcançarem esse sucesso.

A mídia interfere diretamente nesse processo de competição na escola, pois passa a ideia de que é pelo esporte que o futuro estará garantido e que o esporte é saúde. Estamos a mercê das emissoras de televisão que apresentam aquilo que querem sem pensar na influência que causa nas crianças por exemplo.

Os educadores precisam superar a perplexidade e a inércia diante das mídias, e inverter a lógica dos “apocalípticos” sem se tornarem “integrados”: efetuar uma interpretação e um uso críticos das suas possibilidades formativas e informativas, em especial a televisão, a mídia de maior consumo e impacto entre os alunos. (BETTI, 2003, p. 95)

Para Betti (2003), o modelo hegemônico de esporte mostra o predomínio de esforço máximo, de busca pela vitória e do lucro financeiro, a televisão se contradiz, pois o esporte não pode ser analisado como um todo indiferenciado pela razão de sua multiplicidade de formas e significados. O educador atento descobrirá matérias que apresentam o esporte como prazer, realização pessoal, sociabilização e autoconhecimento, matérias que denunciam a exploração de atletas profissionais, baixos salários, e outras formas de levar para as aulas discussões sobre o esporte.

Assistir a uma partida de futebol em que as torcidas se rivalizam como cães de briga dentro e fora dos estádios, onde jogadores brigam durante e após as partidas, xingam os árbitros e seus “adversários”, deve ter um papel bem educativo em relação às crianças ou adolescentes que assistem e que acham que isso é natural e depois reproduzem na escola durante as aulas, no recreios, nas brincadeiras com seus colegas.

O mesmo acontece em um jogo decisivo de voleibol onde a torcida do time visitante agride os atletas com ofensas racistas e homofóbicas, isso pode acometer a inspiração na criança ou adolescente que assiste e que passa a reproduzir esse tipo de comportamento nas escolas, nos bairros que habitam com seus colegas, com professores ou até mesmo com seus pais dentro de suas casas.

Determinados acontecimentos do cotidiano esportivo que tem destaque na televisão, como a violência, podem ser utilizados para discutir com os alunos temas como ética e rivalidade no esporte, além disso, a televisão permite aos alunos, o

envolvimento com o esporte no nível opinativo ou seja, a “falação”. Esse envolvimento não é necessariamente negativo e comporta estímulos à imaginação, à fantasia, onde o aluno processa as informações de forma ativa. (BETTI, 2003)

O professor que só se preocupa com os conteúdos conceituais que deve transmitir aos alunos é mais transmissor que comunicador. Não estamos acostumados a pensar em educação como um processo de comunicação, mas como transmissor de conteúdos pré-programados. (BETTI, 2003, p. 111)

Segundo Betti (2003), é possível considerar que em breve, muitos alunos saibam mais sobre alguns aspectos da cultura corporal de movimento do que os seus professores de Educação Física, embora não se possa confiar, nas determinações técnicas das informações disseminadas pelas mídias e que isso futuramente pode tornar essa relação entre mídias e cultura corporal de movimento um problema pedagógico para a Educação Física.

Serão abordados em seguida alguns itens relacionados aos reflexos capitalistas e suas influências através das práticas docentes durante as aulas de Educação Física, aspectos como a própria luta de classes dentro do universo escolar, a separação entre meninos e meninas, entre os que têm domínio de uma atividade esportiva e aqueles não tem esse domínio, a formação de times e sua própria prática, os alunos que não participam das aulas porque não sabem jogar e não querem, pois tem vergonha de perder e os outros zombarem dele.

A separação entre meninos e meninas, em que os meninos jogam futebol e as meninas ficam olhando ou brincam de corda, sem terem a oportunidade de uma prática esportiva durante as aulas, onde teoricamente seria o local designado para isso, a separação por gênero evidencia a máxima histórica de que o homem manda e a mulher obedece.

Podemos também considerar como exemplo, a formação dos times nas “aulas livres”, os próprios alunos formam as equipes e o fazem saltando aos olhos o reflexo da sociedade no que se refere a diferenciação de classes dentro das turmas, os alunos que se destacam em determinado esporte juntam-se para jogar contra aqueles que normalmente não tem domínio da bola, ou ainda, que normalmente não participam das aulas, havendo assim, uma sobrepujança de poder do dominante entre os alunos.

Pode-se também fazer uma comparação com modelos de aula em que se efetivam as gincanas e as estafetas com os modelos fordistas e tayloristas de

produção, em que cada funcionário da fábrica realiza um processo da produção em série, objetivando a competição, a eficiência, a produtividade, a eficácia.

Da mesma forma acontece nas aulas onde o professor propõe a gincana e cada aluno é responsável por uma tarefa específica e os pontos são somados aos outros em cada atividade realizada, tornando as práticas competitivas. A máxima é superar a outra equipe seja qual for a forma, pois no final da competição, assim como nas fábricas são evidenciados aqueles que fizeram mais pontos e somente esses são valorizados e recebem os prêmios e as glórias e muitas vezes utilizam dessa glória para tripudiar sobre aqueles que foram derrotados e que estão tristes e chorando pelos cantos da escola, essa competição entre os alunos mostra exacerbadamente o reflexo capitalista de poder entre uma classe sobre a outra.

Outra forma onde podemos analisar a influência do capitalismo nas aulas de Educação Física é a escolha dos temas das aulas baseadas geralmente nos esportes destacando-se aqueles de origem burguesa. É comum encontrarmos nas escolas professores com planejamentos das aulas sobre a ótica burguesa dos esportes dominantes como futebol, basquete, voleibol e handebol e seguem essa premissa de que esses esportes onde o espírito competitivo fica em evidência, negligenciando as verdadeiras aulas da cultura corporal do movimento, onde é possível realizar aulas oportunizando a cooperação e o coleguismo entre os alunos.

Essa prática comum dos professores sobre as aulas esportivizadas pode causar nos alunos uma precoce especialização de um esporte específico causando neles a sensação ou a ideologia de que é pelo esporte que todos os problemas são resolvidos, havendo também a supervalorização de ídolos esportivos vinculando isso ao consumismo exagerado de produtos veiculados pela mídia e aguçando cada vez mais a competitividade em suas ações.

A competitividade entre as pessoas se torna cada vez mais frequente em qualquer que seja a área de atuação e a luta das classes se torna necessária. Assim como afirma o Coletivo de Autores (2009), a classe trabalhadora, ou seja, os populares são obrigados a lutar pela sua sobrevivência, pelo seu emprego, sua alimentação, enfim, por suas condições de existência. Enquanto a classe proprietária objetiva o acúmulo de riquezas, para aumentar sua renda e ampliar seu consumo e também a sua manutenção na sociedade em lugar privilegiado, tudo isso em exploração do trabalho das classes trabalhadoras.

Na escola, acontece em muitos casos, uma imitação desse sistema econômico, ficam evidentes as diferenças entre as classes, a divisão do trabalho e a valorização social dos indivíduos que nela vivem. Podemos destacar para analisar alguns pontos como a construção do currículo escolar, metodologia das aulas, o trato do conhecimento e para isso, usaremos as aulas de Educação Física como ponto principal desse processo. É necessário perceber o comportamento dos alunos e dos professores em suas aulas, levando em consideração as influências relacionadas ao sistema capitalista.

Para Frizzo (2012), os jogos escolares são a verdadeira prova de competição exacerbada através do sistema capitalista, onde o alunado quer disputar os jogos com o intuito de ganhar, de ser campeões, de serem melhores que as outras escolas, de poder tripudiar sobre os colegas que não foram jogar e sobre as escolas que perderam seus jogos, sendo a derrota e a vitória, momentos de decepção ou exaltação e não de aprendizado.

Além disso, a lógica competitiva e individualista do modelo de jogos adotado, também faz com que o alunado perspective os jogos escolares como uma oportunidade para mostrar seu talento esportivo, acreditando que os jogos permitem que empresários do esporte possam estar observando o aluno ou aluna que se destaca em alguma modalidade com o intuito de oferecer oportunidades para a carreira de atleta.

O esporte nas aulas de educação física, a participação do alunado nos jogos escolares são utilizados pelo professorado e equipes diretivas como “moeda de troca”, ou seja, mecanismo disciplinador do comportamento do alunado. Isso só é possível pelo fato de que o modelo de jogos escolares adotado é seletivo e excludente, onde a maior parte do alunado não participa das atividades, daí que há uma disputa entre o alunado para serem convidados pelo professor ou pela professora de educação física a participarem dos jogos escolares. (FRIZZO, 2012, p. 219).

Segundo o Coletivo de Autores (2009), o currículo escolar capaz de dar conta de uma reflexão pedagógica ampliada e comprometida com os interesses das camadas populares tem como eixo a constatação, a interpretação, a compreensão e a explicação da realidade social complexa e contraditória. Isso fará com que o aluno pense diferente e desenvolva outra lógica da realidade, a lógica dialética.

A Educação Física apoia-se nos fundamentos sociológicos, filosóficos, antropológicos, psicológicos e biológicos para educar o homem na disputa por uma situação social privilegiada na nossa sociedade competitiva, capitalista e que

defenda historicamente os interesses das classes no poder, mantendo assim, a estrutura do capitalismo. (COLETIVO DE AUTORES, 2009, p. 37).

O currículo é uma direção política do processo de formação humana articulado com um determinado projeto histórico. Desta forma, a organização curricular anacrônica (desarticulada/incompatível com o atual momento histórico) nos cursos de educação física compromete sobremaneira a percepção, a reflexão e as estratégias de ações que permitam uma avaliação e contraposição radical ao sistema capitalista que, no atual momento de ajustes estruturais e conjunturais, constitui uma realidade marcada pela miserabilidade da população mundial resultante de sua crise estrutural mais profunda. (FRIZZO, 2012).

O autor dá ênfase também à educação física em particular, que de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para a formação em educação física, observa-se que a formação do professorado está baseada nas competências que enfatizam a lógica do mercado e a uma simetria invertida: desenvolver habilidades que o mercado exige já na formação acadêmica.

Frizzo (2012) faz uma ressalva de que o conteúdo engessado busca o disciplinamento, busca moldar o alunado dentro de tensões entre o interesse pessoal e o interesse do tipo de ser humano que a escola quer formar. (daí a tensão entre os objetivos e avaliação na escola capitalista); também entre a vida fora da escola e a construção de uma identidade social que atenda os interesses do capital (expressa na necessidade da formação por competências que atendam às demandas de mercado); e da diferenciada relação com o conhecimento que cada aluno ou aluna tem de acordo com as condições objetivas e a padronização de conteúdos e métodos que buscam padronizar também o ser humano.

A avaliação não se confunde com os instrumentos de medição ou verificação, como provas e exames, por exemplo. Deve ser entendida como as relações e nexos que se estabelecem entre estes instrumentos e o sentido da escola. Os objetivos e avaliação na escola capitalista expressam, em última análise, os interesses e necessidades do projeto histórico da atualidade, orientando o processo de ensino e aprendizagem, métodos, conteúdos e controle da formação do alunado da qual não se separam. (FRIZZO, 2012, p. 174).

Para o Coletivo de Autores (2009), a avaliação do processo ensino-aprendizagem está relacionada ao projeto pedagógico da escola, está determinada também pelo processo de trabalho pedagógico, processo inter-relacionado dialeticamente com tudo o que a escola assume, corporifica, modifica e reproduz e

que é próprio do modo de produção da vida em uma sociedade capitalista, dependente e periférica.

Em suma, o sentido da avaliação do processo ensino-aprendizagem em Educação Física é o de fazer com que ela sirva de referência para a análise da aproximação ou distanciamento do eixo curricular que norteia o projeto pedagógico da escola. (COLETIVO DE AUTORES, 2009, p. 101).

Libâneo (apud COLETIVO DE AUTORES, 2009, p. 32) destaca que

os conteúdos são realidades exteriores ao aluno que devem ser assimilados e não simplesmente reinventados, eles não são fechados e refratários às realidades sociais, pois não basta que os conteúdos sejam ensinados, ainda que bem ensinados é preciso que se liguem de forma indissociável à sua significação humana e social.

É enfatizado também que a avaliação tem sido entendida e tratada por professores e alunos para atender as exigências burocráticas da escola, no sentido de atender as normas da legislação vigente, selecionar alunos para competições e apresentações dentro e fora da escola, onde somente a presença em aula é o único critério de aprovação ou reprovação.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No processo de construção desse trabalho, foi necessário um estudo específico sobre conteúdos de história para poder compreender os fatos e analisá-los nos dias atuais. Nessa trajetória para compreender, discutir e analisar o capitalismo e suas influências nas aulas de Educação Física foi preciso primeiramente uma compreensão do sistema feudal, como ele se consolidava naquele período histórico, como se constituía, assim como analisar a sua derrocada frente ao novo sistema nascido das suas ruínas, o capitalismo, a criação dos mercados, exploração da força de trabalho, surgimento dos burgos, casa da burguesia da época, classe que vem a ser dominante no processo de transição desses dois sistemas.

Com o surgimento do novo sistema econômico, (que por sinal não podemos negar, foi uma evolução para aquela época) prevalece a propriedade privada, a mão de obra assalariada, havendo assim a exploração dos donos dessas propriedades sobre os trabalhadores que são obrigados a vender a sua força de trabalho. Destacam-se nesse sentido as classes Burguesa e Proletária onde precisei também fazer um estudo sobre essa luta entre os dominantes e os dominados e aproximar isso com as aulas de Educação Física.

Fazer uma análise da sociedade capitalista é um processo que demanda anos de pesquisa, sua influência na Educação é algo que requer uma intensa obstinação, pois não é tema tão simples de ser estudado, sabemos que a sociedade hoje é competitiva, individualista, consumista e tudo isso reflete na educação, as políticas públicas referentes a esse tema é falha em vários aspectos. O processo pedagógico deve fazer parte da transformação social da sociedade, porém os dominantes não desejam que o povo se torne crítico e consciente dos seus direitos, os investimentos na Educação são ínfimos, o salário dos professores tão desvalorizados nos dias atuais, reflete diretamente nas práticas diárias nas escolas. É comum ouvir nas universidades que os cursos de licenciatura estão com baixa ou nenhuma procura, reflexo de uma política voltada aos burgueses, destinadas somente aos mais abastados.

Posso a partir de hoje analisar de forma diferente as práticas docentes nas aulas de Educação Física, pois com a bagagem adquirida nesse estudo, consigo perceber que estamos embutidos no sistema capitalista e que nos consome

diariamente, mas podemos nas aulas realizar atividades e planejamentos buscando uma real possibilidade de práticas onde os educandos possam fazer a análise da sociedade, buscando compreendê-la e ser críticos ao ponto de buscar mudanças na sua vida para atingir uma transformação da mesma. É possível sim, resgatar os valores esquecidos hoje pela sociedade como altruísmo, coleguismo, a ajuda mútua, o amor, é possível trabalhar a cooperação e a colaboração nas aulas e tornando delas uma prática diária.

A sociedade que vivemos hoje é moldada pelo sistema capitalista e que, se assim permanecer, dificilmente os problemas que vivemos, serão resolvidos, acredito que precisamos lutar contra essa forma de exploração e buscar uma sociedade sem classes sociais, sem preconceito, sem discriminação, onde as pessoas possam viver livremente e felizes, fazendo uma Educação de verdade com objetivos claros, formando alunos críticos e comprometidos, com pessoas que realmente pensam num bem comum, somente assim a transformação da sociedade acontecerá.



## REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Perry. **Passagens da antiguidade ao feudalismo**. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- ANTUNES, Ricardo. **A Dialética do Trabalho: Escritos de Marx e Engels**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- BELLUZZO, Luiz Gonzaga de Mello. **Ensaio sobre o capitalismo no século XX**. São Paulo: Unesp, 2004.
- BETTI, Mauro. **Educação Física e Sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Imagem e Ação: A Televisão e a Educação Física. Educação Física e Mídia: Novos Olhares, Outras Práticas**. São Paulo: Hucitec, 2003.
- BRACHT, Valter. **Educação Física e Aprendizagem Social**. Porto Alegre: 2 ed. Magister, 1997.
- COSTA, Carine F., SALOMÃO, Alexandre F. **Capitalismo, Educação e Esportes: Apontamentos sociológicos**. I Seminário Sociologia e Política da UFPR – Universidade Federal do Paraná. Paraná: 2009.
- CASTELO BRANCO, Rodrigo. **A questão social na origem do capitalismo: pauperismo e luta operária na teoria social de Marx e Engels**. Dissertação de mestrado da UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2006.
- CATANI, Afrânio Mendes. **O que é Capitalismo?** São Paulo: Brasiliense, 2003.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. 2 ed. São Paulo: Cortez. 2009.
- D'ÁVILLA, José Luiz Piôttto. **A Crítica da Escola Capitalista em Debate**. Ijuí: Vozes, 1985.
- DUARTE, Newton. **Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões? Polêmicas do nosso tempo**. Campinas – SP: Autores Associados, 2008.
- DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. São Paulo: Escala, 2007.
- ENGUITA, Mariano F. **A Face oculta da Escola: Educação e trabalho no capitalismo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e a Crise do Capitalismo Real**. São Paulo: Cortez, 1996.

FRIZZO, Giovanni F. E. **A organização do trabalho pedagógico da Educação Física na Escola capitalista**. Tese(Programa de Pós-Graduação em Educação) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2012.

GALVÃO, Luíz Alfredo. **Capital ou Estado?** São Paulo: Cortez, 1984.

HARNECKER, Martha. URIBE, Gabriela. **Exploração Capitalista**. São Paulo: Global, 1979.

KRUPPA, Sonia M. Portella. **Sociologia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

LÊNIN, V.I. **As Três Fontes e as Três Partes Constitutivas do Marxismo**. Em Obras Escolhidas em três tomos, Moscow: Progresso, 1977.

LEONTIEV, Alexis. **O Desenvolvimento do Psiquismo**. São Paulo: Moraes, 1959.

LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Demerval. **Marxismo e Educação: Debates Contemporâneos**. Campinas: Autores Associados, 2005.

MANFRED, A. Z. **Do Feudalismo ao Capitalismo**. São Paulo: Global, 1982.

MARX. Karl; ENGELS. Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Escala, 2007.

\_\_\_\_\_. **A Ideologia Alemã**. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

MARX. Karl. **A Miséria da Filosofia**. São Paulo: Escala, 2007.

\_\_\_\_\_. **Formações Econômicas Pré-Capitalistas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

MICELI, Paulo. **Discutindo a História: O Feudalismo**. Campinas: Atual, 1988.

MONTEIRO, Hamilton de Mattos. **O feudalismo: economia e sociedade**. 4.ed. São Paulo: Ática, 1995.

PONCE, Aníbal. **Educação e Luta de Classes**. São Paulo: Cortez, 1996.

ROSSI, Wagner. **Capitalismo e Educação**. São Paulo: Moraes, 1980.

SALINAS, Samuel Sérgio. **Do Feudalismo ao Capitalismo: Transições**. 2 ed. São Paulo: Atual, 1988.

SWEEZY, Paul M. **Teoria do Desenvolvimento Capitalista**. Nova York: Zahar, 1956.

TONET, Ivo. **Educação, Cidadania e Emancipação Humana**. Ijuí: Unijuí, 2005.

VELHO, Otávio G., PALMEIRA, Moacir G.S., BERTELLI, Antônio R. **Estrutura de Classes e Estratificação Social**. 5 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

VIANA, Nildo. Educação Física, Competição e Sociabilidade Capitalista. **Resafe – Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Brasília/Unb. Número 16 de maio-out/2011, p.71-88. Disponível em: [HTTP://www.red.unb.br/index.php/resafe/article/viewArticle/5362](http://www.red.unb.br/index.php/resafe/article/viewArticle/5362). acessado em: 11/04/2012.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Capitalismo Histórico, Civilização Capitalista**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1995.